

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 138

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



UM GRANDE ACTOR POPULAR

O Domingo Ilustrado, jornal popular, presta a sua homenagem ao maior actor dos nossos tipos do Povo, o actor Estevam Amarante, cuja insi-

nuante expressão ilumina esta pagina, rodeada das suas creações na revista «Agua-Pé». (Clíchés Silva Nogueira).

cronica da semana por norberto lopes

MOSQUITOS POR CORDAS

O «Diário do Governo» publicou ha dias o manifesto dos trigos. Portugal é um país onde tudo se manifesta. Até os trigos! Não tardará muito que o mesmo «Diário do Governo» publique a manifestação dos consumidores contra o pão de trigo que lhe impingem.

Fez-se em Lisboa, pela primeira vez, o enxerto duma glandula tiroideã de macaco numa criança loira e imbecil—dizia o «Diário de Noticias»
O cinocefalo morreu. A criança só daqui a res meses poderá mostrar o resultado que tirou da tiroideã.

Nas Caldas da Rainha, uma criança de deztoito mezes sofria de uma enterite. A mãe da criança, aflita com o sofrimento da filha, levou-a a uma curandeira e aguardou que o seu poder magico operasse um milagre. A curandeira, depois de emitir a sua douta opinião, não achou melhor remedio do que estrelar um ovo na barriga da criança.

O innocente morreu em resultado da queimadura que lhe sobreveiu. O pai da criança não o fez, mas devia ter «estrelado» duas bclctadas na cara da curandeira, sem prejuizo de procedimento criminal contra semelhante megera.

Ainda a proposito de bruxas e curandeiros, o «Diário de Noticias» informa:
«Mefistofeles entrou em Santarem e desatou a roubar as almas dos escalabitanos ingenueos»

Refere-se o noticiario a certo curandeiro que conseguiu com a sua sciencia mandar um pob-e rapaz para a sepultura.

Quere dizer que Mefistofeles não lhe roubou apenas a alma, roubou-lhe tambem o corpo.

Numa vila trasmontana appareceu ha tempos um caso de h. rnafraditismo, que veio ter o seu desfecho em Lisboa, no hospital de S. José.

Certa menina, que todos supunham ser rapariga, veio a provar-se que era rapaz. A sciencia interveio—e em troca duma pequena operação conferiu-lhe a categoria de individuo do sexo masculino.

E ela, que tinha saído da vila com saias,—regressou a penates de calças «mah-jong» e chapelinho de feltro cõr de vinho—que é a cõr da moda.

Chamava-se Inês e passou a chamar-se Inacio. Na sua suscencia, o namorado preguntava:
—Que é dela, a Inês?

E a mãe responhia:
—Espera aí um bocadinho, que está a transformar-se em Inacio.

Qual não foi o espanto do namorado quando viu a sua Dulcinéa metamorfoseada em homem:

- Inês! Inês!
- E ela emendava:
- Iniciol Inacio!
- Que fizeste do teu sexo?
- Ficou em Lisboa, no hospital de S. José.

NORBERTO LOPES

Este numero foi visado
pela commissão de censura

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'ALIÁ.

Tocarias tu a campainha?

LERAM a noticia a respeito do chinês, rei do ouro, que morreu recentemente, e tinha 30 contos de rendimento por dia e nove mulheres, além da esposa legitima? Um chinês gordo, amarelo, flácido, que foi para o outro mundo com doze pares de calças de seda e três cabaias de peles, enrolado em doze peças de seda, uma das quais era vermelha, para oferecer ao diabo? Chamava-se Lum-lim-loc e sendo o senhor do Po-Hoang-Bank agora é somente pó... Leram? Pois bem: Estamos persuadidos que Lum-lim-loc é o mandarim do Eça, aquele



le mandaram cue nenhum de nós hesitava em matar, se fossemos seus herdeiros universais e se o gesto assassino se resumisse a carregar com a ponta dum dedo no botão duma campainha. Per sem-se todos, em cõro, trinta contos por dia! apenas tocar no botão da campainha! Homem mortal, homem que atravessaste a guerra e deste morte a tantos maritres, não te fazemos a ofensa de preguntar: «tocarias tu a campainha?»

Mãos ao ar!

NO perullimo numero da «Ilustração Francesa» vem uma curiosa narrativa do nosso ultimo golpe de Estado, sob o titulo de «Une insurrection au Portugal». Escusado será dizer que o acontecimento foi visto através de vidros de aumento. Mas há um bocadinho de prosa que é de ouro, exactamente como seria o silencio sobre um episodio politico de origens nebulosas, até para nós próprios. Traduzimos:
«Na sexta-feira, 12 de Agosto, estavam os ministros reunidos numa sala do palacio governamental, quando três officiaes, de revolver em punho, irromperam por ela, intimidando o general Carmona a pôr de parte o coronel Passos e Souza e a formar um gabinete da direita.»



Tem o seu quê de cinematográfico, não é verdade? Os três officiaes, em altitude de aventureiros mexicanos ou de «cow-boys», de revolveres assediados, gritando: «Mãos ao ar!», ao chefe de Estado... Com que histórias se escreve a História!

A hora azul

A hora azul da infancia é curta como um crepúsculo de outono, um crepúsculo que tanto pode mergulhar num poente lilaz, como num poente rubro, sangrento... A Grande Guerra, ceifando milhares de vidas em botão, parece ter provocado um movimento de maior ternura pelas crianças. As civilizações completas pensam em doirar a breve hora azul, recessas de que o futuro se encarregue de fazer dessa curta hora toda uma vida curta, uma vida sacrificada ás exigencias das mesmas civilizações.



Em Paris, nos grandes armazens «Printemps», acaba de inaugurar-se um salão de cabeleireiro para crianças, onde os pequenos clientes montam em pequenos cavalos articulados e vão cavalgando, enquanto o «figaro» os embeleza. Nas paredes, decorações apropriadas: bonecos eloquentes. Nas mãos dos empregados, engenhocas de toda a ordem, para divertir os mais recalcitrantes, os menos pacientes.

Em Lyon, ha pouco tempo, houve um desfile de mil carrinhos de crianças. Em Claskwille, na provincia de Virginia (E. U.), houve agora um desfile de carrinhos de bonecas, empurrados por duzentas pequenitas. Não ha duvida que a gente crescida quere vincar melhor na memoria das crianças a hora melhor da Vida, a que todos esquecemos e todos choramos...

Un jeune homme rangé

E assim que um cronista elegante dum semanario parisiense classifica o Senhor D. Manuel de Bragança, o ultimo rei de Portugal. Falando da vida que leva em Vichy o setimo neto do senhor rei D. João V—o da Madre Paula e da Margarida do Monte—o cronista concluiu que o Conde de Ourem, ou seja o Senhor D. Manuel, leva «uma vida exemplar de jovem bem comportado», assistindo aos concertos e ouvindo operas. Se foi com o espirito—bem gaulês!—de amesquinhar os portugueses, amesquinhando o seu ex-soberano, a classificação não foi das mais felizes, porquanto tomaramos nós que abundassem por cá a fazer qualquer coisa e lá por fóra a não fazer figuras tristes multos portugueses novos, ricos e bem comportados.

A Semana do Livro

SEGUNDO parece, vai realizar-se a Semana do Livro, conforme alvite do Dr. Sousa Costa, e sob o patrocinio do «Noticias». Fala-se de exposições, conferencias e artigos, durante oito dias, e citam-se os exemplos da França, da Argentina, da Itália, para animar os organisadores.

O nosso aplauso, por ser humilde, não é dos menos entusiastas.

Não é preciso pensar se não haverá qualquer cousa de irónico e de venalatório em falar-se da Semana do Livro, numa terra onde não se lê... Porque não se faz, primeiro, a Semana do Alfabeto; e a Semana dos de Letras Gordas? E tambem é preciso ver que a Semana do Livro abraja a propaganda de todos os bons livros portugueses e não apenas as dos escriptores bem vistos pelas gerencias das livrarias. E, principalmente, muito cuidada em que não se confunda a Semana do Livro com a Semana dos Hospitiaes, de doentes minados pela traça, nas prateleiras dos armazens...



Cidade novinha em folha

DE vila importante, as Caldas passaram a cidade modesta. Mas antes rainha pobre do que duquesa rica! Está certo. A Exposição Agrícola merecia o galardão, que o governo não regateou. Oxalá frutifique o exemplo de dedicação e de amor pela terra natal, dado pelos homens bons da propria região extremenha. E quando uma outra região sinta proxima a sua falencia agricola, industrial e comercial, que alguém saiba apontar-lhe o «remedio das Caldas», da terra feliz que soube organizar uma tão notavel exposição e transformar-se em cidade sem mandar commissões ao Terreiro do Paço, e antes recebendo o Terreiro do Paço entre os seus muros honrados.

Uma oferta simpatica

O importante industrial sr. Virgilio S. Lory acaba de ter um gesto simpaticissimo que merece ser assinalado nestas columnas.

Todo o pão fabricado no seu stand, durante as festas nas Caldas da Rainha, foi distribuido a seu mando, por casias de beneficencia.

A generosidade foi justamente enaltecida.

O czarvitch-cozinheiro

HÁ bons seis meses que anda cá, pelas montras das livrarias, um livro intitulado «Treize armées à la cour de Russie», escrito por um suico, que foi preceptor do malogrado filho de Nicolau II. Nesse livro destroem-se todas as possiveis duvidas sobre o massacre completo da familia imperial, na macabra casa «Ipatieff», em Ekaterinburg.

Ora acontece que há dias, no mesmo dia, os dois grandes diários matutinos publicaram ar-

questão previa

Por FELICIANO SANTOS

VEJAM os senhores esta capital de mais de meio milhão de almas!

Reparem em como a vida da cidade se repete, em como este dia 1 de Setembro em que estou escrevendo é aborrecedoramente igual aos outros dias um de Setembro, que já passaram!

Em vão nos interrogamos mutuamente na ansia de novidade: «Então o que ha de novo?» E é tudo velho, velho como a descoberta do caminho maritimo para a India, como o arroz de quinze—de quinze tostões o quillo, é claro. O cronista, vitima do assunto, fareja as conversas, rebusca nos jornais, apela para a memoria em cada dum pretexto em volta do qual borde a matiz algumas considerações, que a fadiga e o calor necessariamente tornarão sonolent s. Não ha nada!.. Lisboa é uma aldeia em que todos os dias, ás mesmas horas e nos mesmos locais, se encontram as mesmas pessoas, na mesma posição, dizendo as mesmas palavras e fazendo os mesmos gestos. Lisboa, capital do país, cidade entre todas excelente e maior, sofre horrorosamente duma «mesmice» cronica.

A nossa vida é uma folha de papel pautado, em que diariamente lançamos, com um cu sivo invariavel, as mesmas impressões. Uma emoção nova é tão rara que marca um acontecimento, que a memoria arquiva para o transmittirmos aos nossos netos e essa emoção pôde ser—sei lá o quê?—qualquer coisa insignificante ou desagradavel, como achar uma cedula de cinco centavos ou ser atropelado por um taxi.

As ruas e os teatros, lugares onde a população se reúne, apresentam sempre o mesmo aspecto. Ha senhoras que eu conheci ainda meninas, de as ver passar no Chiado e que ainda hoje vejo, já mããs, levando um cacho de filhos em cada mão e atraz a na com o ultimo «vient de paraitre» ao colo. Nas primeiras representações encontro sujeitos cujo cabelo já branqueia e que eu conheci, em outras «premières» sem uma ruga e de cabelos negros ou louros. Envelhece-se, mas não se varia. A quantas pessoas eu falo só porque durante anos seguidos as encontrei, á mesma hora, no mesmo local, estabelecendo-se com este encontro diario uma intimidade, que leva fatalmente ás relações de palestra. Os cafés participam bastante da natureza das boticas de provincia, de que nós zombamos, sem grande razão, afinal.

O que queria eu que Lisboa fosse? Mas uma cidade cosmopolita, com uma população todos os dias em grande parte renovada, vivendo a vida agitada das «urbes» em que a actividade não estagna em mexericos e em que a politica não é, como o cinema, a principal distracção. Uma cidade que não fosse todos os dias a mesma e em que os assuntos, para quem tem de levar a sua cronica ao Calvario, só apresentassem a dificuldade da escolha. Ora isto só se conseguirá quando a ponte sobre o Tejo, o metropolitano e o cais da Europa forem realidade, e nesse tempo já eu devo estar a prestar contas a Belzebut das más cronicas que tenho assinado cá neste mundo.



tigos sobre o aparecimento dum jovem que talvez fosse o «czarvitch» Alexis...

Esse artigo de magazine estrangeiro, por coincidência aproveitado, ao mesmo tempo, pelos dois importantes diários, seria de interesse para o grande publico, mas não merecia semelhantes honras.

Todas as pessoas cultas e de bons sentimentos tem o dever de não diminuir a tragédia da familia imperial russa, fazendo crer que alguém poderia escapar á ferocidade com que foi praticado o maior crime da Historia. O falso «czarvitch»

é o filho dum cozinheiro a quem o pai serviu um delicioso piteu: a possibilidade de «comer a cabeça» a muita gente boa, usurpando o nome dum martir.



HUMORISMO



Por XISTO JUNIOR

A minha peça historica

Começam os jornais a bisbilhotar— e o «Domingo Ilustrado» já deu o exemplo—acêrca do que será a futura epoca teatral de inverno. Depõem os autores, annunciando, com a fantasia que lhes é peculiar, numerosas peças de varios calibres, destinadas ainda ás mais numerosas companhias de comedia, drama e opereta que povdam—eu ia a dizer inestam—os palcos portugueses.

Ora a mim, Xisto Junior, autor dramatico consagrado pelo entusiastico e carinhoso publico da Academia Recreativa Harmonia Familiar e Recreio Ameno do Pessoal dos Pulidores de Calçadas, ninguém me perguntou nada, mas tambem nada me obriga a calar esta confissão: Tenho, para a epoca de inverno, uma peça historica, porque para o inverno querem-se coisas quentes e as peças deste genero são cheias de calor patriótico, devendo reservar-se as peças frescas para o verão. Não me limito, porem, a dizer que tenho uma peça—o que podia ser mentira. Dou-a, a seguir, na integra, cumprindo me ainda acrescentar que a peça será representada com scenarios de Leitão de Barros, o mais sinteticos possivel.

PROLOGO

(Da caixa do ponto, disfarçada em talaruga, sai um jogral, de pernas tortas e cabeça á banda, que diz:)

O' donas e cavaleiros,
Que desteis vossos dinheiros
Para assistir á função,
Atental no que vos digo
Neste meu c. ntar d'amigo:

(Entretanto o publico vai entrando na plateia e camarotes, fazendo o máximo ruido).

Ides ouvir a finória
Intenção com que o autor
Açambarcou toda a historia,
Tirando a qualquer 'scritor
A 's'prança dum dia ter
Assunto para escrever.
Vai começar a função:
Atental se é de feição!

(O jogral sai pelo «regulador» da E. sgradeando as palmas da claque).

ACTO I

(A scena representa uma sala do castelo de Guimarães. A' D. B., Gonçalo Mendes da Maia, o «Lidador» e o Marquês de Pombal jogam o gamão sobre uma meza de pé de galo. A' E. A., sentada numa cadeira curul, D. Filipa de Villena faz um «cache-col» de tricot. A' F., sobre uma arca Renascença, Brites de Almeida, a Padeira de Aljubarrota, areia talheres. Ouve-se ao longe uma banda regimental, tocando a Portuguesa).

Marquês («depois de lançar os dados»)—Mais uma partida ganha, meu caro Mendes da Maia...

Lidador («dando um êoco no taboleiro»)—Santa Maria Val, ruim sorte foi hoje, que tudo perco!...

D. Filipa—Cessai vossos praguejamentos, sr. Gonçalo Mendes, que ofendem a Deus e ao reino. Assim vos amofinais por uma partida de gamão perdida e no entanto perdido vai o reino e sem moléstia vossa e de quantos o poderiam salvar...

Lidador («erguendo-se»)—Atimai Senhora minha, em vossos dizeres de escarmento...

Marquês («intervindo»)—Algumas

novas houvesteis da curia real, Senhora?

D. Filipa—Ruins novas, senhor Marquês...

Lidador («puxando o Marquês de Pombal pela manga»)—Deixai-a falar!... Donas são mais para luzir louçainhas e adornos que para entender politica.

D. Filipa («assomando-se»)—A mim dizeis tal? A mim, que por minhas mãos armei meus filhos cavaleiros!...

Lidador («encolhendo os ombros»)—



Pois desarmai-os ora, porque, conforme diz o povo em seu conceituoso proverbio, «quem os arma que os desarma»!

Marquês («conciliador»)—Então, então! Nada de doestos e desavenças que não aproveitam ao bem estar da greil... («a D. Filipa»). E que ruins novas vos trouxeram, Senhora, que assim turbaram vosso espirito varonill?...

D. Filipa («a Brites de Almeida»)—Brites, repeti trigosa o que vos disse a mulher da hortaliça!

Brites («desce, limpando as mãos ao avental»)—Se assim o mandais, Senhora... Sabei, pois, senhores, que grande turbação vai pelo reino e principalmente no burgo onde ora a curia real tem seu assento... A vianda de vaca aumentou tres morabittinos em quilo... Os mesteirais agitam-se... Fernão Vasques e os seus acampam na «Brasileira» do Rossio... As alcaçovas das avenidas novas estão carissimas, e agua não ha... Os servidores dos cargos publicos pedem aumento de tença...

Lidador («detendo-se»)—Cessai, cessai!... («a D. Filipa»). Razão de sobra haviéis, Senhoral...

Marquês («meditativo»)—E não andarás em tantas calamidades o dedo dos esuitas?

(Ouve-se um toque lento de buzinas e clamor de aclamações. São os alanos, vandalos e suevos que se entretêm a invadir a península iberica, não sei quantos anos antes de Cristo).

Brites («a D. Filipa»)—A Senhora querê mais alguma coisa?

D. Filipa—Não. Andai presto em vossa tarefa e não leixeis queimar o refugado.

(Brites sai pela E. Pelo F. entra um cortejo de pagens e menestrels, tangendo anafis, alaudes e outras teorbas, sob a regencia do maestro Fão. Findo o concerto sinfonico, adianta-se um arauto, com um telegrama na mão).

Arauto—Senhor Marquês de Pombal, estais encarregado de constituir ministerio!

Marquês—Assim, asinha!... Não sei se poderei!...

Lidador—Aceitai presto, que boas raças de governança haveis!

D. Filipa—E' mister que partais?

Marquês—Bem, já que tanto insistem, partirei!

Arauto («tirando o relógio da escarcela»)—Tendes um comboio ás 16 e 20 minutos.

(Os anafis e alaudes atacam o «Fado das passagens da vida». Ao longe, muito ao longe, outras buzinas sãoam. São os arabes que, sob o comando de Tariqs desembarcam em Espinho, depois de terem vencido os visigodos num desafio de «foot-ball», por 5 «goals» a 0. Por impossibilidade de se aguentar mais tempo lá em cima

CAI O PANO

ACTO II

(A scena representa uma secretaria de Estado. Ao F. o gabinete do ministro. Secretárias de ambos os sexos, isto é, destinadas a funcionários masculinos e femininos. São três horas da tarde e a scena está deserta. Por fim apparece João das Regras, continuo do ministerio).

João das Regras («com um espanador na mão»)—Que cedo eu vim hoje! Ainda não está ninguém! («Olhando o



relógio de parede») Tambem não admira! São só três horas! («Dirigindo-se ao relógio») Coitado! E's o unico a trabalhar cá na repartição!...

(Entra da E. Leonor Teles, que se vai sentar á máquina de escrever. Espreguiça-se, bocéja

e mete papel na máquina. João das Regras, que está mal com ela desde a morte de D. Fernando, não a cumprimenta.)

Leonor Teles («para si»)—Almocei esplendidamente no Tavares, com o Mestre de Aviz!

João das Regras («sem poder conter-se»)—Quê? Com o nosso ministro?

Leonor Teles—Com o próprio! E estavam tambem o João Pinto Ribeiro, o Sebastião José de Carvalho e Melo e á sobrezeza tivemos o Pêro da Covilhã. Depois reuniu o conselho de ministros. O mestre de Aviz não tarda aí para fazer a nota officiosa.

João das Regras—Mais notas! E depois não querem que a circulação fiduciária aumente!

(Entra pela E. o mestre de Aviz, com Egas Moniz, seu chefe de gabinete, e os Dôze de Inglaterra, seus secretários. Vão aparecendo, á formiga, os funcionários da repartição: Duarte Pacheco, primeiro official. Matias de Albuquerque, Nicolau Tolentino, Pedro de Andrade Carninha, Fernão Lopes de Castanheda, Gil Eanes, etc. Todos assinam o livro de ponto, retirando-se alguns immediatamente.)

Mestre de Aviz («a Leonor Teles»)—Escrevel, pois, formosa Lionôr...

Leonor Teles—Trigoso vindes!...

Aguardai que atime meus aprestos.

Mestre de Aviz («passando-lhe a mão pela face»)—Ai, donas, donas!...

João das Regras («baixo, ao Mestre de Aviz»)—Olhai, mestre, que mal vos queda tanta privança com dona de tal jaez...

Mestre de Aviz—Leixai, que por bem o faço: («A Leonor») Sus, á escrivainha!

Leonor Teles—Presta sou! Dizei a vossa nota officiosa...

Mestre de Aviz («ditando»)—«Reuniu ontem o conselho de ministros, occupando-se de varios assuntos de administração e de ordem publica...

Leonor Teles—Se mais não tendes a dizer não se faz mister que eu escreva, pois cópias tenho da ultima officiosa nota tiradas a papel quimico, com os mesmos dizeres!

Mestre de Aviz—Escrevêde muito embora, que al mais queremos dizer. («Pausa. Leonor dactillográfá agilmente») «O governo tomou conhecimento da descoberta da ilha da Madeira por Gonçalo Zarco». («Para os que o rodeiam»). Vêde como é mais fácil cometimento descobrir uma ilha que o equilibrio orçamental! («Ditando») «Por informações do embaixador de Portugal em Espanha sabe-se que Pelagio continua na conquista das Asturias aos sarracenos»...

(Um insólito ruido vem interromper o ditado. Entra pela E. um acontido da Guarda Republicana, a cavallo.)

Acontido—Ter! Ter! Os lusitanos, sob as ordens de Viriato, tomaram de assalto o teatro Nacional e dominam o Rossio. O chefe do posto, Servillano, foi vencido e reduzido á escravidão...

Mestre de Aviz—Mas os nossos terços estão de prevenção rigorosa

Acontido—Embora! As trirremes fenicias apontam para a cidade os seus trons e colubrinas. O Marquês de

CONTINUA NA PAGINA 7

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

Estevam Amarante

O perfil dum grande actor popular.—O espirito profissional e a decadencia verdadeira do nosso teatro.—Teatro comico a sério.—O meio português.—Coisas nossas.

O Domingo dedica hoje a sua pagina de teatros a Estevam Amarante. O director da companhia do Teatro Avenida é neste momento, sem contestação de ninguem, o nosso primeiro actor popular.

Assim como Nascimento creou, com engenhosa fantasia comica, a expressão portuguesa dos grandes «característicos» modernos, Amarante deu-nos — e constantemente nos está dando — lições assombrosas de realismo na representação dos nossos tipos populares contemporaneos.

Sendo o «Domingo» um jornal popular, que vive exclusivamente do sentimento tão irregular, tão transbordante de affectividade, tão cheio de ternura e de dedicação como é o sentimento português — bem lhe fica arquivar nas suas paginas a fisionomia de Estevam Amarante, já hoje presa a historia do Teatro Nacional, como a dum Actor, digno desse nome, pelo alto grau de honestidade profissional a que elevou o seu labor.

Tendo nascido do povo, sendo novo, estudioso, esperto, dotado fisicamente á maravilha para a representação das figuras lisboetas da rua, o actor Amarante occupou-se em estudar os seus papéis «de caracter» com fiel observação e com espirito de minucia e de cuidado, invulgares. A sua criação do carroceiro «Ganga» valia por si uma eronica de Fialho. Os seus tipos do «Salão» do Conde Barão, e as recentes criações da ultima revista do Avenida, são figuras impressionantes de realismo, de verdade e de ritmo de interpretação.

Ma muito que não surgia no nosso teatro um actor novo, capaz de reunir

tão grande soma de predicados para a realização deste genero de papeis, e comparando as exigencias do teatro de hoje com o que se fazia ha vinte ou trinta anos, não é mesmo facil encontrar nos novos ou nos velhos quem tivesse atingido nesse genero o poder maximo de exteriorisação e o ar de convicção das suas personagens.

E' certo que todo o mundo se queixa que escasseia o publico dos teatros.



Os grandes animadores teatraes dizem que os espectaculos de caracter ligeiro, alegre, intercecionista, mais adequados á perturbante vida moderna, contaram os vãos do teatro puro. Pode ser. Deve ser assim.

Mas esse é o problema mundial. O problema português é sempre uma caricatura do problema do mundo. Lá fora ha crise — cá dentro ha miseria.

E a miseria nacional tem aqui outras causas ainda. Em Portugal, por muito extranho que isso pareça, não

ha a industria de teatro. Porque para haver industria é preciso que haja industriais, operarios e materia prima. Ora cá falta tudo — e os proprios operarios, os artistas, os melhores, ou se transformam em pequenos industriais que morrem pela falta de recursos, ou deixam a «arte».

Materia prima — [originals] não ha. — E industriais, que neste caso são «directores», é coisa que cá se não sabe o que é. De facto, quem dirige os nossos teatros? Actores que não arranjaram emprezarios — directores, ou senhores de teatros que não arranjaram emprezarios — inquilinos. Não ha directores — e é essa a unica grande crise. O que é uma companhia dirigida pelo senhorio dum predio onde por acaso está um teatro?

Naturalmente um desastre. O que é uma companhia dirigida por um primeiro actor que tem que estudar os seus papeis? Naturalmente um desastre tambem. Falta, repetimos a individualidade intermediaria: o «director», isto é, o industrial do teatro, aquele que sabe escolher a materia prima — (a peça) — que sabe confecciona-la (distribui-la) que sabe apresenta-la ao publico — (dirigir a mise en-scene) e que, finalmente, lhe arranja uma bonita «embalagem» (o reclame). E que faz isto e não faz mais nada.

Ainda ha dias o sr. Louis Jouvet dizia num belo artigo do «Candide», a proposito da falta de um teatro no Quartier Latin — A crise da industria teatral é como a de todas as industrias em crise — fabrica-se mal!! Se ele estivesse em Portugal, diria antes — fabrica-se pessimamente!

Ora o caso de Estevam Amarante é um milagre de equilibrio.

O actor estuda; o emprezario negocia. E, os dois, de braço dado, la vão

andando, ou ele não fosse um português valente. Mas é o Actor prejudicado pelo Emprezario? — Decerto. Não falando já no tempo que o comerciante rouba implacavelmente ao Artista, basta esta simples verdade para pôr em foco a afirmativa:

Cada «borla» negada pelo emprezario é um inimigo do artista que surge.

Um dia, um cavalheiro, que eu não sabia que existia, decidiu desancar-me num jornal cujo nome nem já me recordo, e que o proprio autor da pancadaria teve o cuidado de me enviar.

Estranhei aquela aggressão. Inquiri e vim á fala com o cavalheiro em questão.

Pedi-me muitas desculpas e objectou-me que era «inimigo» do Actor Amarante que eu havia elogiado!

Uma tarde vim a saber que tudo se resumia a um simples «fauteuil» negado ao plumitivo feroz.

Se, como dizem, o Amarante-emprezario está agora pior do que nunca — não me dirão os senhores, depois desta «manteiga» toda, que receberei eu de pancadaria ainda esta semana?!

LEITÃO DE BARROS

Ler no proximo numero

O Teatro historico

por ARTUR PORTELA

Olimpia

Directão de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filas de primeira escolha. As grandes produções europaeas e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias de forma a torna-la a preferida do publico.

Nacional Politeama Trindade Avenida

Apolo

Eden

Foz

Pathé Cinema

A Companhia Nascimento Fernandes representa a revista de grande montagem «A Aldia dos Macacos».

Nascimento Fernandes renova á sua volta alguns dos melhores elementos que fazem o genero. «A Aldia dos Macacos», um delicia «charge», promete eternizar-se no cartaz do linde teatro da Rua Egasio dos Santos.

Fechado temporariamente

Fechado

Companhia Seteana Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alas de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Lulza Seteana, uma notavel actriz que renne o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense do seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «Agua-pé».

Fechado temporariamente

Em pleno exito a companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido á portuguesa» grande espectáculo de fantasia.

«Cosido á portuguesa» tem ainda o atractivo de um novo quadro, «Farpas e Ventarolas», repleto de estista Filomena Lima, Zulmi e Vaz e av. Margarida Ferreira são algumas das primeiras figuras femininas da companhia.

Cinema e Variedades. As maiores atracções do Music Hall — A estrela de baile Pilar Molina a «Rainha da Jota». As coquetistas bailarinas Hermanas Victoria.

Brevemente: inauguração da temporada de inverno com novidades de maior sensação.

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Ao entrar, reparei num automovel fechado, de cortinas descidas, que aguardava do lado oposto da rua. Por um pequeno incidente vi quem eram os fregueses. Quando me instalei no meu recanto, reparei que na mesa ao meu lado havia gente. Era um homem novo, de simpática aparência, vestindo com luxo, e uma rapariga de impressionante elegancia, muito loira, sorrindo sempre. Foi ele que mandou buscar ao carro uma caixa de cigarros. No seu olhar passava de quando em vez a névoa de uma preocupação íntima. Quando acendia os seus cigarros de tabaco amarelo, ficava longo tempo com o fosforo aceso entre os dedos, contemplando qualquer ponto da sala, numa abstracção que significava claramente um profundo mal estar de alma. Mais do que as tentativas da sua companheira, chamava-o á realidade o calor da pequena lavareda aproximando-se da pele.

A minha curiosidade de reporter noviço escaldava-me—sem eu saber mesmo porquê. Não conseguí ouvir nenhuma das suas palavras, todas trocadas em voz baixa, num murmúrio de segredos íntimos. Mas tinha a impressão de que as suas confidencias não eram confessáveis.

Ao levantar-se, o meu enigmático visinho tirou distraidamente da carteira uma nota para gratificar o criado. Do meu logar vi perfeitamente que não era uma nota portuguesa. Por acaso eu conhecia bem a sua nacionalidade. Era um bilhete de cinco rublos sovieticos. A mulher puxou-lhe ligeiramente o casaco, chamando-lhe a atenção para o erro que ele ia cometer. A precipitação mal disfarçada com que ele fez voltar a nota de cinco rublos ao escaninho da carteira e a quasi palidez que eu notei no seu rosto eram indicações a avolumarem o meu desejo de saber alguma coisa da vida daquele casal—que, sem eu saber porquê—me impressionava. Era já noite quando eles saíram.

Cá fora fazia frio. Havia grupos de gente conhecida junto da Brasileira.

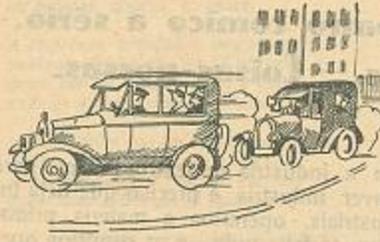
Chamei um taxi, e mandei seguir com discreção o automovel misterioso de cortinas cerradas onde seguiam aqueles estrangeiros desconhecidos...

Descemos o Chiado, o Carmo e, instantes depois, subíamos a Avenida. O que é que me impelia estupidamente a perseguir aquela gente? Não sei. A verdade é que sentia prazer em obedecer a uma voz íntima que me ordenava.

A porta do Eden, da Chic e do Central os grupos habituais. O meu Peugeot seguia a uma distancia curta o carro opulento que aumentava agora a velocidade. Suspeitariam eles que eram seguidos? Talvez alguma precipitação do chauffeur tivesse denunciado desastrosamente os meus propositos... Estávamos no cimo da Avenida.

O outro carro, sempre de cortinas descidas, deu a volta ao tapume do recinto para o monumento ao Marquês de Pombal e desceu pelo caminho que nh a seguido. Quando passávamos em

frente do Parque Mayer era menor a distancia que nos separava. Vi então distintamente cair da janela do carro, que eu perseguia, uma folha de papel amarrotado, feito numa bola. Mandei parar. Aquele papel ia talvez dar-me a chave do enigma. E, rapidamente, ao lembrar-me do caso dos rublos, pensava já descobrir por aquela forma incidental o principio de uma grande reportagem, talvez até o segredo das relações do partido comunista e do So-



Chamei um taxi e mandei seguir com discreção o automovel misterioso...

corro Vermelho com a Internacional de Moscow ou de Berlim!

Ageitei a minha gabardine, e precipitei-me para o pedaço de papel que a dois passos de mim o vento arrastava levemente. Estava radiante. Acerquei-me do primeiro lampeão de luz eléctrica para ler imediatamente o suposto documento, a que a minha ingenuidade e inexperiencia antecipadamente tinham emprestado a categoria de uma altíssima importancia.

Fiquei desolado. Quando desdobrei febrilmente o papel, ansioso por conhecer o seu conteúdo, verifiquei, entre surprehendido e envergonhado, que ele era apenas o resto da embalagem dos chocolates de uma fabrica conhecida...

O meu primeiro impulso foi mandar seguir o meu taxi Avenida abaixo, em busca do misterioso automovel. Era inutil. Na minha frente, especado, tinha surgido de novo o carro das cortinas fechadas.

Era um Hudson negro, com o numero S. 244... A. e com um taxímetro vermelho. Senti uma comoção percorrer-me todo. Dir-se-ia que era eu o criminoso perseguido. A porta abriu-se. O homem que eu vira ha uma hora na Garrett saltou para o chão, muito palido, e com um ligeiro tremor nos olhos claros—talvez um tic nervoso. Dirigiu-se-me logo, affectando um sorriso indiscutivelmente forçado, num português ainda mais forçado:

—Poderá decir-me onde é la casa de correos, caballero?

Indiquei-lhe a gare do Rossio, porque nós, infelizmente, não temos um palacio de correos—temos um imundissimo quiosque na Estação do Rossio e a Central fecha cedo e a más horas.

—En la gare? Muchas gracias...

A mulher, de dentro, ansiosamente, observava-me. Não me restava já duvida alguma que tinham visto a ridicula scena de eu correr para apanhar um envolver de chocolate. Acaso, habilitmente, a teriam provocado eles proprios, desconfiando já de mim? E' possível.

—¿E la Policia? Me han dicho que

Pagina "à sensation"

O ASSASSINO DE DATO ESTEVE EM LISBOA

Pagina interessantissima do reporter Luiz Teixeira em que ele relata o seu encontro com o desconhecido espanhol, que mais tarde verificou ser o ultimo dos assassinos de Dato, ainda por prender, Casanellas.

hay que visar alli a los documentos...—disse o homem, com naturalidade.

Prontifiquei-me a indicar-lhe o local. A mulher continuava a olha-lo intensamente. Parece que ela propria se admirava dessa pergunta.

Por fim, o homem tirou um cigarro e ofereceu-me tambem tabaco. Disse-lhe que não fumava.

—Que raro és entre los portuguezes! Saídu, entrou no carro, e já de dentro da portinhola, com um sorriso, o homem estendeu um braço.

—Tome usted! Son periodicos—se le gusta puede ler... se prefriere hacer bolas de papel...—és lo mismo!

E o carro seguiu veloz. Tive a impressão de que estava vermelho como um tomate. O homem referia-se á extravagancia de eu apanhar a bolinha de papel. Desconfiara depois se eu seria policia, e quiz enfrentar-me com as perguntas que fez. Por fim

Lisboa uma brigada de policias espanhola, com o fim de prender Casanellas, o unico assassino de Dato ainda em liberdade, e que tendo servido como capitão aviador no exercito vermelho, fôra agora encarregado pelo Governo de Moscow de uma alta missão nos países do ocidente. O tenente Lopes Soares e os agentes espanhóis prenderam por engano, no subterraneo da Abadia, um artista espanhol de variedades, julgando ser ele o celebre criminoso. Foi posto em liberdade no dia seguinte, por nada se ter provado. Ficou de pé apenas a certeza de que Casanellas era um rapaz novo, de simpática aparência, que, acompanhado por uma dama de rara elegancia, vivera durante dias em Lisboa uma vida faustosa, quasi principesca.

A policia chegou a apurar que ambos costumavam percorrer a cidade num automovel fechado e de cortinas descidas, e estavam hospedados no Sud-Atlantique, onde tinham declarado chamar-se Bonifacio Galon e Josefa Cortez.

Reconheci-o, imediatamente, num retrato. Casanellas foi o homem que falou comigo.

Quando tentaram captura-los era já tarde. Tinham embarcado num navio holandês que saíra do nosso porto com rumo desconhecido...

LUIS TEIXEIRA

CANDEIROS DE ELECTRICIDADE

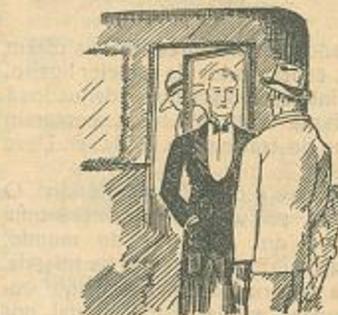
Chegam lindos modelos ao

BICO NACIONAL AUREO, L.^{DA}

Rua 1.^o de Dezembro, 35 e 37

DISCOS ODEON

Os melhores
que existem



—Poderá decirme ond é la casa de correos, caballero?

tranquillizou-se e acaba de vexar-me com uma broma.

Tinha perdido a partida...

Tinha efectivamente perdido uma bela pista. Soube-o depois. Estava em

R. DE S. NICOLAU, 113 — LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

QUEM TE MANDA A TI SAPATEIRO...

Página em estilo teatral, em que o dialogo, cheio de interesse e de ironia, está, na verdade, a pedir palco.

Ao meu amigo ALBERTO ROCHA

A scena representa um elegante boudoir. Ao subir o pano (neste caso ao virar-se a pagina) entra em scena uma linda mulher, primorosamente vestida, ultima palavra da moda em todo o seu exagero, isto é, primorosamente despida; e logo atraz dela e pela mesma porta, entra atropelado um homem, tipo de elegante provinciano, pouco afeito aos habitos citadinos. De perturbado que vem, nem se descobre ao entrar. Ela vai direita a uma «coiffeuse», coloca a mala e a sombrinha, tira o chapéu e, ao voltar-se, tem um segundo de espanto ao ver o homem.

Ela—O quê! Pois o Sr. entrou!!...
Ela (enleado e tirando o chapéu)—Estava a porta aberta...
Ela—Mas a criada...
Ela—A criada caiu...
Ela—Caiu!!
Ela—Ou melhor, eu é que caí com 5 escudos...
Ela—Mas o que pensa o Sr.?
Ela—Por enquanto ainda não tive tempo para pensar. Foi entrar, cair com a massa e...
Ela—Imagina talvez que isto é entrar, cair... e vencer...
Ela—Não; eu nestas coisas acabo sempre por ficar vencido.
Ela—Mas o que pensa o Sr. de tu isto?
Ela (olhando o quarto)—Isto não está feio.
Ela—Mau, não estou brincando.
Ela—Nem eu. Palavra que estou gostando. Isto está um brinquinho; tem chic...
Ela (já muito séria)—Mas que ideia fiz o Sr. de mim?
Ela (muito natural)—Acho-a encantadora. Se não achasse, não tinha vindo.
Ela—Bom, não nos entendemos. O Sr. seguiu-me e entrou porque imaginou alguma coisa...
Ela—Não imaginei, tenho a certeza.
Ela (interessada)—A certeza! Mas de quê?

Ela—Não vê que eu sou de fóra e...
Ela—Já tinha visto. Isto é, já tinha desconfiado.
Ela—Pois é verdade, cheguei hoje.
Ela—Negocios?
Ela—Isso é lá p'rá familia. Aqui para nós, vim apenas p'ró pagode.
Ela—Acho bem...
Ela—Tambem eu e por isso logo que arranjei uma aberta, zás: viagem de negocios.
Ela (muito interessada)—Mas depois quando volta, naturalmente sem vintem, como se justifica?
Ela—Foi negocio furado...
Ela—E' a primeira vez que vem tentar... fortuna?
Ela—Venho estreiar-me. Diziam-me tanta coisa na botica lá da terra, que eu não poude resistir.
Ela—E donde vem?
Ela—Macedo de Cavaleiros.
Ela—Não; o que pergunto é o nome da sua terra Sr... Macedo.
Ela—Pois é a minha terra. Sou de lá, nasci ali...
Ela—Percebo, é daí que é natural.
Ela—Naturalissimo. Agora vivo em Sarilhos.
Ela—E parece-me que tambem gosta de os arranjar.
Ela—E' talvez do clima.



Ela—O quê! Pois o sr. entrou!!

Ela—E o seu nome, afinal?
Ela—Antonio do O'.
Ela—Oh!
Ela—E o seu?
Ela (mudando de attitude)—Mas, afi-

nal, ainda me não explicou porque entrou aqui.

Ela—Não vê que como era a primeira vez que vinha cá e não sabia como havia de arranjar uma companheira para o tal pagode, pedi a um amigo velho que vai muito á minha terra que me dissésse o que havia de fazer e...

Ela (cada vez mais interessado)—E depois? Não compreendo...

Ela—E vai daí ele disse-me: Olha, meu velho, tu vais ao Rossio, esperas



Ela («muito natural») — O sapateiro. Para não ir á loja, mandei vir o oficial tirar medida...

um carro de Gomes Freire; sentas-te ao lado da senhora mais pinoca que encontrases; a mais interessante, a mais janota, mais chic, bem calçada, bem fornecida de joias; de preferencia a que trouxer um bom casaco de peles; e daí a três paragens tens companheira...

Ela—Mas eu não vinha num carro de Gomes Freire!

Ela—Mas não vê que eu vinha a descer a Avenida, vi-a num carro e fiquei tão entusiasmado, que nem me lembrei do Gomes...

Ela—Do Gomes?

Ela—Sim, do Gomes Freire. Subi logo, mas como não consegui sentarme ao seu lado e esperar as tres paragens, vim parar aqui.

Ela (sempre interessada e achando graça)—Mas o seu amigo devia ter-lhe dado outros sinais, que o haviam de guiar para o encontro da tal companheira que pretendia.

Ela—Pois deu. E disse-me: tu observas os seus modos, vêes se ela traça a perna e puxa as saias muito pudicamente. Se ela se finge muito contrariada quando a olhares, se usa o cabelo muito bem cortado, as unhas muito bem polidas, os pés muito bem calçados, um ar muito digno e principalmente se vai de olhos pudicamente postos no chão e dando a vêr que a incomoda o fumo do teu cigarro.

Ela (rindo e acendendo uma cigarilha)—Mas isso é o retrato duma colegial!

Ela—Pois aí é que está o engano. Foi ele que me disse: Se vires uma senhora com o aspecto perfeitamente oposto, olhando todos, traçando a perna sem cuidado, etc., etc., é porque é séria.

Ela—Mas olhe que essa regra do seu amigo tem excepções.

Ela (já muito á vontade)—O' filha, então tu julgas que eu venho da Lourinhã?

Ela (formalisada)—Mas que tratamento é esse!!!...

Ela—Sarilhos é uma terra civilizada.
Ela—Sarilhos? (ouve-se a campainha fóra) Ai que é o meu marido!!!...

Ela—Marido? Querem ver que ve-

nho de Sarilhos de Baixo, para cair neles outra vez! E estes agora são de cima e de alto a baixo. Não ha duvida que dei bota.

Ela (rapidamente)—Deu bota e lembrou bem. Olhe, faça de conta que é o sapateiro que vem tomar medida duns sapatos. (Senta-se, descalça um sapato e faz com que ele se ajoelhe na sua frente, de costas para a porta).

Marido (entrando, surpreendido e apontando o homem)—Quem é?

Ela (muito natural)—O sapateiro. Para não ir á loja, mandei vir o oficial tirar medida...

Ela (muito atropalhado e encolhido, procura, de lapis na mão, desempenhar o papel que lhe impingiram).

Ela (para ele)—Veja lá, não fiquem muito apertados a entalar os dedos...

Ela (com os seus botões)—Isso sim, entalado estou eu. Foi uma boa estrela.

Marido—De que os mandas fazer? De vitela?

Ela—Olha, não sei (para o pretenso sapateiro): Que lhe parece, ficarão bem de vitela?

Ela (para dizer alguma coisa)—E' talvez melhor de vaca...

Marido—De vaca?

Ela (cada vez mais encolhido e sem saber já o que diz)—Não é tão brava; ou então de carneiro.

Ela (just ficando)—Não vêes que ha uma variedade enorme agora de fôrmas e cabedais; até se podem agora fazer de peles de cobras...

Ela (perfeitamente aturdido)—De cobras e lagartos...

Marido—Mas diga-me, sr. oficial.

Ela (á parte e voltando-se)—Oficial não ha duvida, não tardo a ir p'ro maior..

Marido (olhando-o estupefacto)—O quê? E's tu? O' meu selvagem, então eu disse-te que era um carro de Gomes Freire e tu vens para o Campo Pequeno!!!...

AUGUSTO CUNHA

Cronica Alegre

Continuação da pagina 3

Pombal recolheu a Oeiras... A revolução triunfa!...

(Estabelece-se o panico em scena. O relógio dá cinco horas.)

O espectro do Conde de Andeiro («surgindo á frente do Mestre de Aviz») — Agora é que tu m'as vais pagar!

(Rebenta um petardo de clorato. O fumo enche a scena. Leonor Teles é transportada em braços ao posto da Cruz Vermelha e, como o governo,

CAI O PANO

ACTO III

(Este acto só pode sêr escrito passado dois séculos, porque só então se saberá com todo o rigôr histórico se a revolução do acto anterior foi a ultima que houve na Lusitania e seus arredores.)

XISTO JUNIOR

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

SECCÃO CHARADISTICA SOB A DIRECCÃO DE VISCONDE DA RELVA 4 SETEMBRO 1927

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho - Rua D. Pedro V, 18 - LISBOA

Ilustres confrades O nosso prezado Director "Dr. Fantasma" que, com tanta dedicacão e desinteresse tem dirigido esta secção, viu-se obrigado, em caso de força maior e á última hora, a partir para Africa, numa viagem em que tentou demorar-se algum tempo.

Apuramento do n.º 8 (5.ª SERIE) COLLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO VELHINHO e UTS Em virtude de haver empate entre estes dois produtores, cujas charadas nos 1 e 2 alcançaram o mesmo numero de votos, 3, será este quadro sorteado pela lotaria de 10 do sorteio, sendo a totalidade dos numeros dividida pelas duas lustras charadistas com a creem por que estão acima indicados.

DECIFRADORES QUADRO DE HONRA AFRICANO, D. GALENO, DR. PÉ Com 11 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO D. SIMPATICO, 10, FRANGERQUE S. GADURO MA, RENANDOP, 6

DECIFRAÇÕES 1-ENTRAVE, 2-PERCA, 3-Mercêdes, 4-Dante-mão, 5-Item, 6-Tachador, 7-Vivificante, 8-Tributarie, 9-Araguado, 10-Chupa-mel, 11-Religado.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS Nos 4, 5 e 11 respectivamente de "BIXO KINHOTO", "D. SIMPATICO" e "VISCONDE DA RELVA" com 4 decifrações cada uma.

DEDICATORIAS "MARIANITA" não decifrou o que lhe era dedicada

CHARADAS EM VERSO (A "D. Gil Brandão" e a "Arguto") Oh! Deus, que angustias a vida pobre; Que desespero e que desalinho! Por que deste, Senhor, por maldizão, A mais triste mortal que o sol desceber,

Ter de ganhar até morrer, o pão-1 De cada dia, no trabalho sobre? Quanto a arguta muitas vezes cobre Um lar onde a pobreza lançou mão!

P'ra quê as ilações, a víz moral Dos que dos p.ões dizem ter inveja? Que paro ergano, que ferro tão preluído

Lisboa JAMENOAL Não quero carne salgada - 2 Porque é nociva e faz mal; - 1 Antes quero peixe fresco Com tempo mas sem sal

Lisboa REI-FERA (Ao confrade "ORDIQUES") A tua parca excoime alegria. Nela bejo que tá bem - 1 Mal lou teus; Em cá bou tenem Grasso a Deus. Açm quem caia da Tropa Lá íhes bou dar um abraço - 1 I gar se teu regaso Miska estropa

Lisboa DITE ENIGMAS EM VERSO Ela, a mulher, é uma boa e abundante produtora. Ela, o esposo, é capital 'de pra comprar uma nação.

Lisboa ZE DOS ANZOIS CHARADAS EM FRASE - Voré tem tanta sorte, que até o consideram um homem enlutado! - A minha sorte cabe no buraco da agulha, p'is sou muito desditoso. - 2 - 1

Lisboa AVIARDO Ao dizerem-me que aliada sendo uma prego, pergunto se irá dar ano. - 1 - 8 BIXO KINHOTO Se vezé não campear a lei, porque razão pede pleudo quando o mudam por a haver transgredido? - 3 - 1

Lisboa D. GALENO (Ao "D. Simpatico" ripostando...) Quem segura pela orelha o porco, topando-lhe com a caudilha o cãbo esquerdo para que não veja o domador que o vai montar, depois de ter tomado a refeição de pão e vinho que a família de seu difunto dava - ao povo que ia rolar junto da cadaver é com recelo de ser um animal que não foi domesticado e que não tem sinal do seu dono. - 3 - 8

Lisboa DR. GRYFFO Sapral e viho se referêncio por ser a "causa" de grande discordia á minha mesa. - 2 - 1 EURISTO O preso do parco foi o suficiente para deixar o veículo carregado. - 2 - 1

Lisboa FIGARO Yre o mesmo palmar, no exame, que aquelle peçonho "crustido de luto" que tem ficado fronteiro a mim. - 3 - 1

Bemfica GABI 12 Vi um "gato do Paragait" bifar a um íspy um petalinho fiavel. - 2 - 1 IDILIO Vi uma "mulher" que em "nada" se parece contigo, e a copiar uma frente. - 2 - 2

Lisboa LUMARO O que falta dizer é que não presta o conjunto das vers de um livro. - 1 - 1 NAMEGO Aquele que dá atempo ao que se diz por onde passa, demora ter cavido operado. - 3 - 1

Lisboa ORLANDO O PALADINO (Presentando a illustre confrade "Marianita") Queria accliar como prova de admiração pela sua beleza, um hudo para, ofertado por um rapaz nero e um gentil, que é o seu admirador. - 2 - 1

Pacto RENANDOP 17 V. segas a gonin do lapis, té para ter o prazer de a ver aguda... - 4 - 1 SATURNO

CASAS PALAVRUCUZADAS moda

Seccão dirigida por VISCONDE DA RELVA Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho - Rua D. Pedro V, 18 - LISBOA

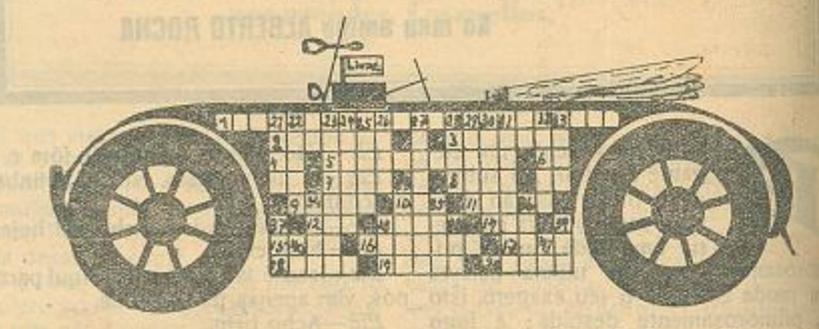
QUADRO DE HONRA CAPITÃO BOCHE, DR. MISTERIO.

DECIFRAÇÕES DO N.º 135 HORIZONTALS. - 1 sedenariamente. 2 ar. 3 pá. 4 OAC. 5 rã. 6 ar. 7 icó. 8 CM. 9 oga. 10 mé. 11 soa. 12 ia. 13 pós. 14 in. 15 superabundantes. 16 si. 17 vá. 18 to. 19 anel. 20 oca. 21 sma. 22 IET. 23 ri. 24 aba. 25 oia. 26 Sa. 27 af. 28 tal. 29 OTP. 30 assaltado. 50 as.

VERTICAIS. - 1 sôrvas. 31 ênfase. 32 anda. HORIZONTALS. - 1 contrário á constituição política de um país. 2 Ministério das Finanças. 3 genero de plantas borragêneas, de flores miúdas e azuis. 4 o espaço sobre a Terra. 5 conhecimento e descrição de monumentos antigos. 6 ponto de inserção das folhas das plantas gramineas (inv.). 7 prepara. 8 quatro letras de "terna". 9 partico de certas qualidades. 10 lamentação. 11 corações. 12 margem. 13 "antilope da Russia". 14 três letras de "canos". 15 carinho excessivo. 15 blasonara. 17 "mulher". 18 "planta vivaz e medicinal" (inv.). 19 todas as letras de "Urano". 20 "fabulista grego".

VERTICAIS. - 21 rochêdos. 22 quasi 23 pêssoas pouco sociaves. 24 qualquer bebida esbrilante, excepto o vinho. 25 resposta oportuna. 26 quatro letras de "lyone". 27 "planta acinea". 28 "Sacerdote muçulmano". 29 "peixe" (inv.). 30 ignorancias. 31 principios aídos. 32 todas as letras de "Motas". 33 todas as letras de "sene". 34 copo. 35 prestigio. 35 grilar. 36 trabalho suave e agradável. 37 eternidade. 38 "varej". 38 especie de sapo das regiões do Amazonas. 39 antigo pêso indiano. 40 movrise. 41 duas consoantes.

PROBLEMA D'HOJE Original do nosso illustre colaborador "Pausanias".



35 samal. 34 íris. 35 ECNAUM. 36 erucas. 2 aa. 37 emir. 38 venábulos. 39 CÔA. 8 cisteiro. 40 maxeleto. 9 opáculo. 41 gopilar. 42 bêbeira. 43 desata. 17 versa. 44 árias. 20 oboé. 45 aral. 46 OBIT. 47 ubz. 48 sal. 49 tope.

Barreira de Sombra PRAÇA DE ALMADA

EM beneficio das instituições "Os filhos de obra" e "Caixa de Socorros dos Operarios do Alentejo", realizou-se no domingo, em Almada, uma corrida mixta, verdadeiramente peninsular, porque houve uma parte de "característica a portugueza e outra parte á española, com dois touros de morte. Retirou-se muita gente por não haver logares, mesmo de pé; tal foi a concorrência, que excedeu o limite da lotação.

Pela comissão organisadora da corrida, fui convidado para dirigir a lide, encarr. o espinho que aceitei, atendenlo ao fim altruista a que aquela se destinava, tendo o espectáculo decorrido em harmonia com os seus elementos, bons alguns e rasoveis quasi todos, cujo resultado, muito resumidamente, passo a descrever:

Após as cortezias, saí o primeiro touro, de bela apresentação, que é lidado com bastante proficiência pelo disinto cavaleiro D. Alexandre Mascarenhas e seguidamente pagado com a maxima valentia por "Augusto da Mariana", tendo obtido os dois formidaveis lidadores uma chamada especial e grande ovação á volta do redondel.

Após a apresentação, que é lidado com bastante proficiência pelo disinto cavaleiro D. Alexandre Mascarenhas e seguidamente pagado com a maxima valentia por "Augusto da Mariana", tendo obtido os dois formidaveis lidadores uma chamada especial e grande ovação á volta do redondel.

3.º touro, de "muerte", destinado ao matador de novillos "Cantillan", foi por este passado de capote e bandarilhado com surpreendente brilho, tendo sido o seu magistral trabalho coroado de justissimos aplausos, porque este novel toureiro possui dois excelentes predicaes: é muito trabalhador e bastante arrojado.

ZEPEDRO Para o seu escritorio Papeis, tinteiros, livros de escrituração, pastas e todos os trabalhos de tipografia e encadernação. Papelaria Palhares 139, RUA DO OURO, 143 TELEFONE 842 E.

PUBLICIDADE

Maquinas de amassar pão, «SAINT HONORÉ»

As mais simples, as mais solidas, as que consomem menos energia

AS UNICAS QUE FAZEM TODA A ESPECIE DE MASSAS

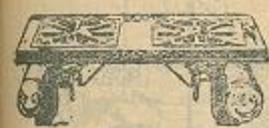
As maiores recompensas em todas as exposições a que tem concorrido.—Em exposição no STAND da casa VIRGILIO LORY nas CALDAS DA RAINHA e no seu escritorio, Praça dos Restauradores, 13, 2.º — LISBOA



Fogões a gás de petrolio «SECIP»

Trabalhando como os de gás e consumindo 1 LITRO EM 10 HORAS

Em exposição no STAND da Casa VIRGILIO LORY nas Caldas da Rainha e no seu escritorio, Praça dos Restauradores, 13, 2.º — Lisboa



UM CONSELHO...

Há quem diga e com razão
Que a vida é cara a valer;
Custa tudo um dinheirão
E não se pode viver!

Mas p'ra ficar resolvido,
Um conselho vos dou eu;
Ir já leitor, de seguida
Comprar um lindo chapéu!

Vão vêr que o mais timorato,
Irá dizer á beldade:—
«Chapéu bonito e barato,
Só nesta casa!... E' verdade!



Grande Hotel Estrade MONT'ESTORIL

O MELHOR DA

Rivière Portuguesa

Casino d'Algés

Palacio da Conceição

A DOIS PASSOS DE LISBOA,

O CASINO DE ALGÉS

OFERECE AOS VISITANTES

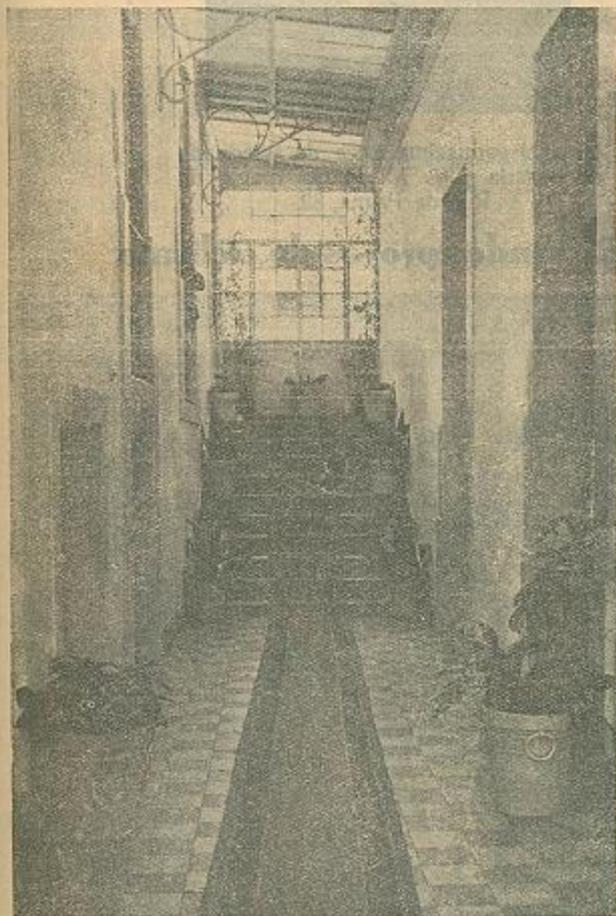
O EXPLENDOR

E O CONFORTO DOS GRANDES CLUBS
DE LISBOA

Grande explanada

Ampla sala de jantar

Salões de divertimentos



A ENTRADA PRINCIPAL

Cosulich Line

Presidente Wilson

esperado a 7 de Setembro

Agentes: — E. PINTO BASTO & O.ª L.ª

LISBOA

Telef.: C. 3601, 3602 e 3603

A Idealista

Telef. 5771 R. — Rua Ferreira Borges, 70

Empresta dinheiro sobre tudo que ofereça garantia, ao juro da Lei, 3 e 4 %.

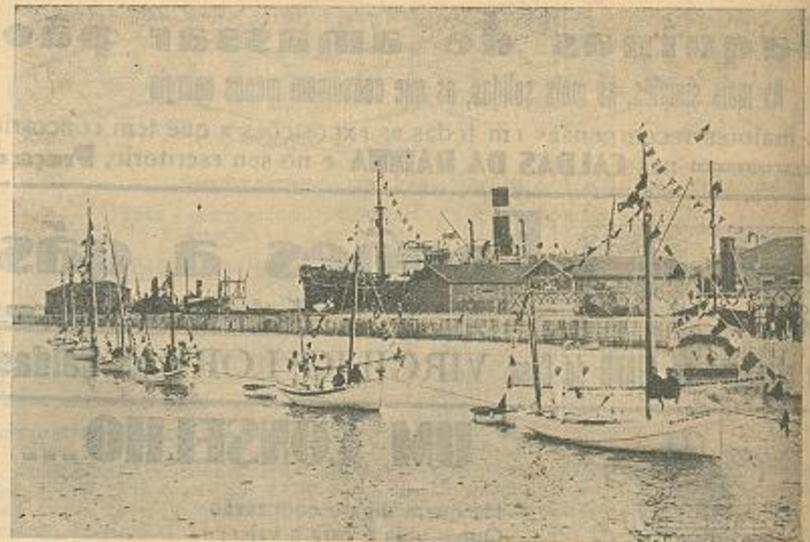
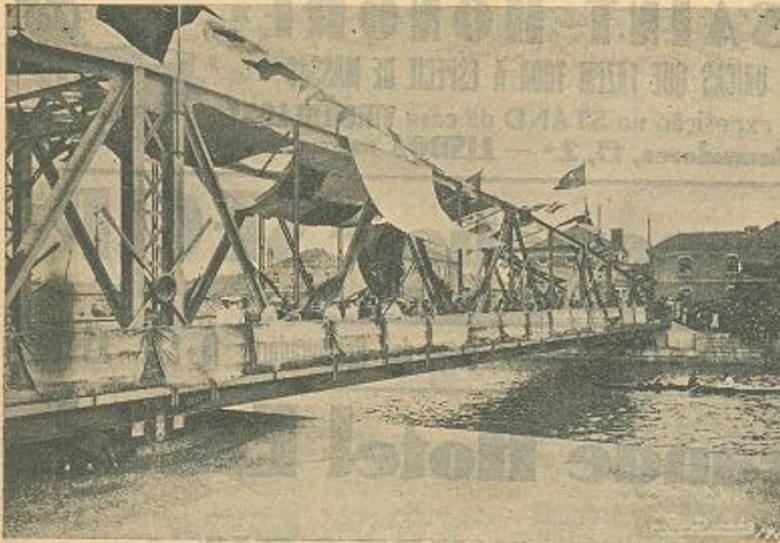
Compra e vende ouro, pratas, joias, mobili-
lias, pianos, etc. — JOÃO ANTONIO BARBOZA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

UMA GRANDE PONTE METALICA

UM CORTEJO NAUTICO

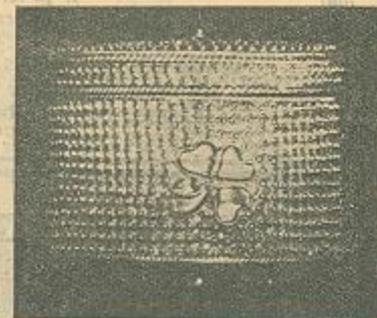


Acaba de inaugurar-se uma ponte metálica, a qual é um grande melhoramento para o entreposto de Alcantara, com a assistencia do Chefe de Estado e de algumas entidades oficiais

Barcas canoas que tomaram parte no cortejo da inauguração da ponte metálica de Alcantara

Lucilia Simões-Erico Braga—UMA TOURNÉE TRIUNFAL

OURIVESARIA PORTUGUESA



Lucilia Simões e Erico Braga—os dois notabilissimos e grandes artistas que todo o paiz admira, acompanhados duma grande pianista franceza, M.^{me} Jilbert Lambert, vão fazer uma tournée por todo o paiz. Lucilia será, decerto, recebida com as homenagens que a sua incedível categoria de comediante merece.

Uma elegantissima peça da acreditada ourivesaria J. & M. Pedro Fraga, da Rua da Palma, 82.

As grandes provas do ciclismo

As nossas termas—NO CASINO DE ALGÉS



Aspecto dum baile intimo no Casino de Algés, o bem montado estabelecimento da linha de Cascais e o mais perto de Lisboa

Antonio Ramos Malha, campeão dos 100 km. no campeonato de Portugal

PUBLICIDADE

COLÉGIO DE SANTO ANTONIO

Rua Maestro Antonio Taborda, 14— LISBOA

(Bairro Novo da Lapa) — Telefone C. 1561

Director — Dr. José d'Almeida Correia

PROFESSOR E CÔNEGO DA SÉ DE VIZEU

Encontra-se já aberta a inscrição de alunos, neste novo colégio católico, para o próximo ano escolar. Amite classes internas, semi-internas e externas para os Cursos de Instrução Primária, Curso dos Liceus, Curso Commercial e Curso Agrícola. A direcção técnica deste último curso está confiada a um professor diplomado e com prática de ensino da especialidade.

Pela sua esplendida situação higiénica e protegida, pelas condições de salubridade, acção e conforto das suas instalações, pela orientação pedagógica e disciplinar traçada no seu programa, em muitos pontos diferente da geralmente seguida noutros colégios, — orientação — que visa a tornar a vida colégial um prolongamento da vida da família, — o Colégio de Santo António impõe-se-lhe à consideração de todos aquelles que desejarem proporcionar a seus filhos, a par da emeraada cultura intelectual e física, uma sólida formação moral e religiosa e a preparação para a vida como ella é na realidade.

Envia-se o Programa-Regulamento, e quaisquer outros esclarecimentos, aos interessados que os solicitarem.

TELEFONE C. 641

Casa Palissy Galvani

Guilherme F. Simões

LIMITADA



COLOCAÇÕES

LUZ ELECTRICA

E reparações de campainhas electricas,

Deposito de todos os aparelhos

telefonos e pára-raios

da sua especialidade

Preços sem competencia

Descontos aos revendedores

13. RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA

AUTOMOBILISTA

160, Rua Alves Correia, 160

LIMITADA



LISBOA

Sempre o maior sortimento de accesorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico : AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

HOTEL-LUSO-ITALIANO PAREDE

(Linha de Cascais)

Aberto todo o ano

SERVIÇO DE RESTAURANT-CHAS

Constantino Molle

Antonio Marques Pereira Mendrico
COM MERCEARIA

Vinhos finos e de pasto—Cervejas e gazosas—Gelo na epoca—Biscoitos e Palitos d'Oeiras—Tabacos e louças—Faqueiro e ferragens—Drogas e Tintas—Carvão e leuha—Carroças de aluguer.

PREÇOS RESUMIDOS

CASA FUNDADA EM 1860

Largo da Boa Vista, 5 e 6—Rua Marquez de Pombal, 9

Rua José Diogo da Silva, 8—OEIRAS

Eden de Santo Amaro de Oeiras

CASINO—RESTAURANTE

O mais lindo Casino da linha de Cascais

Espectaculos todos os domingos e cinema ás terças e sextas-feiras oferecido aos socios

Endereço Telegrafico:
MOAGEM

Telefone:
CARCAVELOS 74

Sociedade Industrial d'Oeiras, L.^{da}

FABRICA DE MOAGEM

(Sistema moderno)

ESCRITORIO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 168, 3.º

FICIAC EM Beja

Rua Dr. Brito Camacho, 9, 10 e 11

OEIRAS

FUNERAES

TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS
PROVINCIA, ETC

URNAS
ARMAGENS
COROAS, ETC

PREÇOS REDUZIDOS

SERVICO PERMANENTE

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

131. R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA

RUA DOS ANJOS, 139-2 E

LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
SEMESTRE - 12 ESC.

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO 52x20 - SEMESTRE 26x10
ESTRANGEIRO
ANO 64x26 - SEMESTRE 32x13

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



(Clichés Raul Reis).

As grandes atitudes do Sport

Damos nesta pagina algumas atitudes colhidas em flagrante pela objectiva magica de Raul Reis, focando atletas portugueses.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING